

ESCAVAÇÕES NO CAMPO TEÓRICO: ARQUEOLOGIA, ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA... OU A ARQUEOLOGIA CLÁSSICA DEPOIS DA NOVA

Ordep J. Trindade-Serra*

TRINDADE-SERRA O.J. Escavações no campo teórico: Arqueologia, Antropologia e História... ou a Arqueologia Clássica depois da Nova. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4: 3-20, 1994.

RESUMO: Discute-se neste artigo o papel da *New Archaeology* na evolução teórica e metodológica da disciplina e o seu possível contributo para o desenvolvimento da arqueologia clássica, na atualidade. Procura-se também apreciar a situação da arqueologia clássica no presente contexto, em que a *New Archaeology* sofre revisão e dá lugar a uma rica floração “pós-moderna” de enfoques da problemática arqueológica. Para esclarecer estes pontos, focaliza-se as relações entre arqueologia, antropologia e história.

UNITERMOS: *New Archaeology* – Arqueologia Clássica – Antropologia – Estudos históricos – Epistemologia.

Para introduzir à problemática visada no presente artigo, nada melhor que a lembrança de uma análise feita por Colin Renfrew numa fala memorável: uma conferência feita há coisa de quinze anos, no contexto das celebrações do centenário do **Archaeological Institute of America**. O discurso alcançou significativa repercussão. Foi oportuno e sincero, atrevido mesmo: denunciou, com uma boa vontade algo irônica, um cisma agravado por silêncios constrangidos, bem mais pesados que o debate - nesse caso, aliás, muitas vezes esquivado. A franqueza valeu: o palestrante pôs o dedo na ferida de uma divisão comprometedora para a teoria arqueológica. O título do artigo em que se converteu essa fala provocadora (Renfrew, 1980) indi-

ca o ponto crítico, onde se abre a questão: *The Great Tradition versus the Great Divide: Archaeology as Anthropology?*

A fim de pôr em evidência a crise, Renfrew não hesitou em comentar, de modo quase indiscreto (quando nada, para a ocasião), o embaraçoso tema das distâncias mantidas entre o Instituto em festa e uma entidade co-irmã, a **Society for American Anthropology**: acusou assim a quase evitação entre os arqueólogos clássicos e os seus colegas americanistas.

“The Great Tradition” é como o autor designa a Arqueologia já secular que se desenvolveu explorando “the Mediterranean lands and the Near East”.¹ Desnecessário dizer o que representa “the Great Divide”...

(*) Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia.

(1) Ela envolve, pois, a Arqueologia Clássica, embora este designativo se reserve, em sentido estrito, à que tem por

A separação acusada envolveu a antropologia, a que sempre esteve ligada a arqueologia do Novo Mundo, enquanto a chamada de *clássica* desenvolvia-se em outros espaços acadêmicos. A história das Universidades tem mostrado que, muitas vezes, divisões artificiais da Academia acabam repercutindo na própria configuração dos saberes...

A partir dos anos sessenta, já não foi (só) a quase indiferença mútua, antes poucas vezes desmentida, que veio a separar o pessoal dos dois campos referidos acima. Deu-se que entre os americanistas, nessa década, ocorreu um significativo surto - sem paralelo do "outro lado"² - de produção teórica e indagação epistemológica. Tinha soado a hora da *New Archaeology*. Os líderes deste movimento proclamaram-se, de forma retumbante, empenhados em lançar as bases teóricas da disciplina, de modo a, *finalmente*, erigi-la em ciência. Como é óbvio, sua atitude de pais fundadores deixava muito mal os "arqueólogos tradicionais", repelidos para as brumas de um limbo prepóster. Em particular, os *new archaeologists* faziam assim *tabula rasa* de desenvolvimentos significativos na área clássica... onde isso provocou, evidentemente, reações muito negativas - quase sempre veladas por um silêncio desdenhoso.

Renfrew proclamou, em seu discurso, a necessidade de lançar uma ponte sobre o abismo que parecia escavar-se entre a "nova arqueologia" e a "grande tradição". Não se achava só neste empenho... Stephen Dyson, por exemplo, contribuiu para fomentar o diálogo entre os campos apartados, respondendo de forma muito positiva à provocação dos *new archaeologists* (Dyson, 1981). O fato é que outros diagnósticos da gravidade do "cisma", com propostas visando superá-lo, apareceram em seguida ao apelo de Renfrew - apelo que M. Snodgrass (1985), destaca-

objeto os domínios outrora ocupados pelas civilizações helênica e romana (em suma, como diria Toynbee, pela "civilização do helenismo"). Todavia, é claro que hoje a A. C. está ligada de modo indissolúvel ao conjunto da Arqueologia do Mediterrâneo pré e protohistórico, e à Arqueologia Histórica do que é chamado de "Mundo Antigo" na tradição ocidental. Pode ser que, uma vez ou outra neste artigo, eu use a expressão "Arqueologia Clássica" em sentido lato, correspondente ao que C. Renfrew chamou de "The Great Tradition".

(2) Ao menos lá nos Estados Unidos, nessa altura.

damente, repercutiu de forma generosa, num contexto já diverso. O esforço de superação do hiato assim verificado por certo teve resultados positivos; mas eram grandes os obstáculos que se erguiam contra esse empenho: de um lado, uma exagerada agressividade, e de outro um longo ressentimento continuaram a fazer efeito, de modo que o diálogo nem sempre avançou com clareza.

É preciso reconhecer que a escola inovadora foi muito responsável por esta situação: o entusiasmo profético de seus líderes e adeptos, manifesto numa retórica muito combativa, não poupou os colegas vistos como "superados"... Tanto na América quanto na Europa, onde logrou também expandir-se (e teve líderes da primeira hora, como Clarke), a *New Archeology*, ansiosa por afirmar-se nos terrenos conquistados, mostrou-se algo messiânica, cheia de promessas, mas nada complacente com os que permaneciam longe de suas bandeiras. Desde o começo, as acusações lançadas pelos "novos" contra a "velha arqueologia" foram múltiplas: prevaleceriam no campo "tradicional" a acumulação de dados ordenados obsessivamente, mas sem muito propósito (isto é, sem uma problematização verdadeira, capaz de conferir-lhes significado); e um descritivismo estéril, superficial, a esconder a ausência de explicação dos fenômenos registrados, velando também a singeleza e a falta de critério das interpretações ensaiadas - efeitos, dizia-se, da carência de uma verdadeira metodologia e do vácuo brumoso mantido no lugar de um sólido embasamento teórico. Mais ainda, denunciou-se a despreocupação dos "tradicionais" (inclusive os especialistas da área clássica) com a fundamentação teórica de seu trabalho; e condenou-se a sua incapacidade para a generalização, seu apego anticientífico ao particular.

Binford e seus seguidores fustigaram com ênfase esse inveterado particularismo, que se acharia evidente até mesmo no título das obras dos arqueólogos clássicos da velha cepa: como resume Snodgrass (1985: 32), já os nomes de livros famosos do gênero mostrariam que esta Arqueologia

...is concerned with the unique and the particular, not with generalitiesbooks like Ur of the Chaldeers, The Palace of Minos, The Tomb of Tutankhamen are unashamedly books about a single site.

Renfrew, que atenua a atitude agressiva dos *new archaeologists*, não se demora neste ponto. Sua moderação, quanto a isso, por certo se deve à singularidade do seu próprio caso... e ao propósito pacificador que ele assume no artigo evocado. Afinal, ele é um especialista na pré-história da Europa, um bom conhecedor da área clássica, um perito neste campo, que aderiu ao movimento dos novos, mas sempre se comportou com grande liberdade no seio da escola: entre outras coisas, tanto como Clarke – e quiçá também por sua formação europeia –, ele nunca cedeu de fato ao profundo antihistoricismo da maioria dos *new archaeologists*, traço quase universal entre os seus confrades americanos.

Já a maneira como Snodgrass ilustra o argumento da crítica evocada, merece uma ponderação.

A “denúncia” binfordiana³ que ele reporta não é fundada, ou pelo menos não o é de todo. Em certas formulações, ela também traduz uma grave incompreensão da natureza dos estudos históricos, que minimiza. Pode levar a uma simplificação perigosa.

Evidentemente, a História considera eventos, aborda fenômenos que a irreversibilidade da sucessão diacrônica singulariza por si só; mas daí a inferir que os fatos históricos se esgotam na “momentaneidade” de sua ocorrência, ou que a historiografia tem de cingir-se ao puro evento, ao factual, é um salto muito grande. Quem estuda, por exemplo, uma revolução, ou um sucesso decisivo de uma conjuntura política, não os estuda por força de per si, enquanto “mônadas eventuais”, por assim dizer, mas na perspectiva de um processo, enquanto transformações a considerar ao longo de uma trajetória em que o evento assinalado se reflete e projeta em muitas direções, numa cadeia multicausal e multirelacional. Ora, o evento posto assim em perspectiva já transcende sua “irredutível” singularidade... no momento da elaboração teórica da hipótese interpretativa.

Por outro lado, se é um processo cultural o que se tem em mira no ato da análise, não há razão de presumir a inviabilidade de uma comparação sociológica do fenômeno em apreço (da

(3) Justifica-se o adjetivo, que aponta ao centro fervoroso do círculo dos primeiros e mais enfáticos articuladores dessa acusação.

ocorrência considerada) com outros que o “acompanham”;⁴ para não falar de paralelos que podem ser traçados entre sucessos, entre tipos de desenvolvimento, abstraídos de distintos contextos históricos. Assim se constroem, na teoria, esquemas explicativos de maior ou menor alcance, fundados em hipóteses mantidas enquanto sobrevivem... sob a espada de Dâmocles da crítica. Nesse nível de elaboração teórica, também a História oferece (à teoria social, *lato sensu*)⁵ campo propício para o ensaio de generalizações; mas elas não podem sequer ser esboçadas sem que se tente uma reconstrução da trama dos eventos, e uma pesquisa de possíveis sentidos deles, enquanto formas de ação social, na acepção weberiana. Exige-se ainda uma ponderação dos arranjos ou rearranjos estruturais que as ocorrências recobrem, assinalam, envolvem ou desenvolvem – elementos que não se esgotam de forma necessária na particularidade do acontecer. Evidentemente, uma tal reconstrução não equivale de modo algum a uma mera representação linear de sucessos, ou cadeias de sucessos.

Cabe aqui advertir uma coisa: é sobre a área da Arqueologia *Histórica* que acaba incidindo o grande bombardeio da crítica dos *novos* aos *tradicionais*. Aos olhos desses críticos, é como se, por inveterado hábito “tradicionalista”, aderisse à Arqueologia *Histórica* uma espécie de saturação factual, a impureza de um registro carregado de traços singulares, que seria preciso remover... E até parece que se gostaria de deixá-la tão enxuta quanto a Pré-histórica (submetida ao regime neoevolucionista)...

(4) Parte-se do pressuposto de que nenhuma ocorrência histórica é isolada, antes repercute em diversos planos, reflete-se em outras, e reflete outras, por mais singular que seja.

(5) Não se vê por que não poderiam recorrer à história antropólogos sociais que entendem sua disciplina como uma sociologia comparada; ou estudiosos interessados numa sociologia formal (no sentido em que a concebeu Tönnies); tampouco se percebe por que os historiadores não alcançariam realizar comparações entre desenvolvimentos institucionais verificados em contextos distintos... Quando o fazem, eles podem ensaiar hipóteses e submetê-las a crítica, visando inclusive a generalização de teses sobre, por exemplo, tipos de estruturas sociais, ainda que não lhes seja dado demonstrar essas teses *more geometrico*. Enfim, a história, tanto quanto a economia, a etnologia etc. é uma das fontes da teoria social, pois esta se constrói a partir de contributos de todas as disciplinas empenhadas no estudo das sociedades humanas.

Isso não deixa de ser sintomático.

De fato, os teóricos da escola de Binford por vezes parecem sugerir que se trate com processos “frios” (ajustados a meios “frios”) até os documentos arqueológicos de sociedades “quentes”...⁶

Não raro, fica a impressão de que, para adaptar-se ao ideal binfordiano, a Arqueologia Histórica carece de ver-se **purgada**... das “idiossincrasias” da História.⁷

No entanto, embora tenha cabimento denunciar as limitações de uma historiografia (e de uma pesquisa arqueológica) por vezes atreita ao factual, não se justifica o ataque redutor que assim nivela por baixo o campo assinalado – e arrisca fechar-se num simples esconjuro da História em si. Não raro, um preconceito fez-se regra: os *new archaeologists* (como a recapitular em termos positivistas uma prevenção aristotélica) in-

(6) Reporto-me à conhecida distinção de Lévi-Strauss entre sociedades “frias” (as “simples”, com um ritmo de mudança lento) e “quentes” (as “complexas”, com um ritmo de mudança acelerado). Binford, como se sabe, estima que as culturas tendem para a homeostase; a explicação das transformações mais significativas nelas verificadas, ele a busca sempre em fatores externos, não culturais (ecossistêmicos): daí viriam os desequilíbrios provocadores das respostas internas... que devem, é certo, ser apreciadas como processos culturais. Em todo caso, o referido arqueólogo tende sempre a explicar o comportamento humano pela determinação de forças naturais de que os indivíduos e as sociedades permanecem em grande medida inconscientes. De qualquer modo, suas posições críticas relativamente aos estudos históricos não resultaram sempre injustas, infundadas, pois o ataque a uma perspectiva acontecimental, subjetivista e impressionista, por muito dominante neles, tinha mesmo cabimento: bem o mostraram os historiógrafos modernos. Só que não era preciso jogar fora a criança com a água do banho... e a saída para as vagas generalidades da antropologia whiteana revelou-se muitas vezes frustrante.

(7) De fato, foram poucas as incursões da N. A. nos domínios da arqueologia histórica. De um modo geral, ela permaneceu, como diz Paul Courbin (1982:22), essencialmente “une archéologie préhistorique et américaniste”. Todavia, *new archaeologists* como J. Deetz e S. A. South fizeram contribuições importantes para a subdisciplina, com seus estudos histórico-arqueológicos sobre a América Colonial e suas reflexões teóricas. As dificuldades da N. A. com a abordagem das civilizações antigas foram, porém, muito acusadas pelos críticos. Mas ainda neste caso há que fazer ressalvas: o valioso trabalho de Colin Renfrew nas Cícladas, por exemplo, teve como meta o estudo do surgimento da civilização no mundo helênico... e sua importância é bem reconhecida.

sistiram, na linha de Kluckhohn, na oposição entre pesquisas científicas e estudos históricos, reduzindo esta última classe de trabalhos aos limites de um programa empírico fechado na pura idiografia, cingido a uma visão pontual, incapaz de desprender-se da particularidade no espaço e no tempo.

Todavia, afirmá-lo é fazer uma caricatura que certamente não corresponde de modo algum às práticas historiográficas modernas.

Por outro lado, bem pode ser gratuita a afirmativa desdenhosa de que, ao concentrar-se num sítio, o arqueólogo clássico tem limitada sua perspectiva, sempre e de modo necessário, ao horizonte desse único sítio; nem há fundamento para a alegação de que ele é reduzido a isto por força de sua preocupação com a historicidade dos seus dados.

Bem vistas as coisas, a denúncia, reiterada pelos “novos”, do suposto “particularismo” da Arqueologia Clássica, vem a ser frequentemente injusta. O exagero é fácil, a *charge* pode ser bem desenhada... mas vejamos: será, por exemplo, o livro de Pendlebury que tem o belo título de *The Palace of Minos - Knossos*, um estudo pertinente apenas ao conjunto monumental evocado em seu nome?

Não é certo que o magnífico *Çatâl-Huyuk* de Mellaart, versando confessa e “desavergonhadamente” sobre um determinado sítio, revolucionou a percepção do neolítico mediterrâneo e iluminou os estudos da pré-história em geral?

Pode-se afirmar que *Ur of the Chaldeers* não passa de uma reportagem?⁸

Por outro lado, aqui está um ponto com relação ao qual se pode até dizer que os arqueólogos clássicos apanham ora por ter cão, ora por não ter cão. Dyson (1993: 205), depois de lembrar que “classical archaeologists have pioneered the meticulous excavations of large sites”, confessa de forma um tanto melancólica um pecado de sua tribo (o grifo é meu):

(8) Enfim, como *charge* está bem; mas quem queira deduzir dos títulos o alcance das obras, corre sempre muitos riscos. Imagine-se um estudante (terá de ser da raça de Bouvard e Pécuchet) que, convicto da inépcia dos estudos “particularistas”, selecionasse títulos com este critério numa biblioteca de ciências sociais. Onde será que ele jogaria *O Dezoito Brumário de Luis Napoleão*?

It is true that they have tended to publish them⁹ as dissected entities (i. e. volumes on lamps, black-glazed potteries etc.) rather like the jars of disembodied organs in an anatomy lab. There has been [na Arqueologia Clássica, quer dizer] surprisingly little consciousness of a site-oriented social archaeology...

Enfim, voltando ao ponto básico, se os adeptos da N. A. fizeram críticas fundadas a seus antecessores (não é possível negar, por exemplo, que os arqueólogos clássicos se descuidaram muito da teoria), sem dúvida foram com frequência injustos e cometeram grandes exageros, acentuados por conta de uma retórica arrogante e despectiva.

Mas ao mesmo tempo é preciso reconhecer que a querela empolgou os dois lados: reagindo aos ataques dos pregadores do movimento renovador, os que eram por eles classificados como “arqueólogos tradicionalistas” mostraram-se, por vezes, também muito duros e irônicos: apontaram na *New Archaeology* um cientificismo primário, uma disposição ingênua de importar a qualquer custo modelos das ciências matemáticas, um gosto afetado pelo jargão, uma tendência a mascarar simplificações sob a imagem de um falso rigor e uma inclinação a comprazer-se, por ânsia infantil de generalizar, no enunciado pomposo de banalidades; pior, reduziram-na a isso... Não faltou nesse meio quem visse no *frisson* teórico dos *new archaeologists* uma espécie de camuflagem da pobreza de suas descobertas...¹⁰

Todavia, no próprio arraial dos arqueólogos clássicos houve quem adotasse atitude mais aberta. Um exemplo disto se encontra num belo artigo de Philippe Bruneau (1976), que antecedeu a grande proclamação pacificadora de Collin Renfrew.

(9) I. e. “the archaeological texts”, como ele diz.

(10) Renfrew, no artigo aqui comentado, cita um trecho delicioso de uma conferência de P. S. Sheftel, em que este assim se refere à *New Archaeology*: “This new movement in America stems, of course, from the barrenness of the pre-Columbian record in Archaeology: for centuries nothing happened of general interest to the study of world history – no Stonehenge, no Maltese temples. American archaeologists, dismayed by their archaeological record, have sought refuge in theory and methodology, and spend their time talking about ‘the elucidation of cultural process’ and the production of ‘laws of cultural dynamics’.”

O referido artigo começa (já nisso mostrando uma influência dos lemas da *New Archaeology*), pela definição de princípios gerais em que o autor funda suas propostas de uma “archéologie des usagers”: o *princípio da racionalidade técnica*, relativo à complementaridade de *matéria e programa* na estruturação dos artefatos; e o *princípio do estado de coisas*, que descreve como idiomático o universo técnico de cada cultura.

Bruneau faz em seguida uma crítica, que visa fundamentalmente Clarke, do uso “matematicista” da noção de modelos em Arqueologia; e passa logo a discutir o status epistemológico desta disciplina, atribuindo-lhe o de uma ciência aplicada, dependente de uma *tecnologia* e de uma *sociotecnologia* por constituir. Rejeita assim a distinção (proposta por Ginouvès) entre *arqueografia* e *arqueologia*... Depois, com muita pertinência, fundamentando-se solidamente no imperativo lógico de seu segundo axioma, assinala as limitações dos bancos de dados arqueológicos, ao denunciar a inépcia de um pressuposto acrítico responsável por muita ilusão quanto a seu uso, por vezes ingênuo: o pressuposto da equivalência entre a racionalidade lógica do analista-descritor e a racionalidade técnica do objeto fabricado: em suma, verbera a equiparação do “estado de coisas” ao sistema descritivo “universalista”.¹¹ Por fim, denunciando também o dogmatismo dos *new archeologists* e sua obsessão de cientificidade a qualquer custo, mostra Bruneau (1976) que *as arqueologias novas* nem tanto diferem da tradicional como proclamam... e cifra a novidade delas em dois pontos-chave: o empenho de organizar a pesquisa em bases que supõem ampla cooperação (através da formação de bancos de dados, v. g.) e o constante esforço de explicitação dos procedimentos metodológicos.

Mas com certeza deve acrescentar-se a isto alguma coisa...

Cabe dizer, por exemplo, que a *New Archaeology* consagrou (ou, pelo menos, reforçou muito) o diálogo multidisciplinar, promovendo-o, no seu campo, numa escala antes inaudita; que atribuiu, com acerto, um grande relevo aos

(11) Pode-se “traduzir” em termos etnocientíficos a distinção que Bruneau assim preconiza, e que fica obliterada na perspectiva acrítica censurada por ele: nesse plano da análise arqueológica, equivale à distinção entre “ético” e “êmico”, familiar aos estudiosos da antropologia cognitiva.

fatores ambientais, levando em conta sempre, como um ponto de partida básico, o ecossistema implicado na descrição arqueológica; que valorizou de nova forma os paralelos etnográficos e buscou respaldo para a análise dos dados arqueológicos em arrazoados sistêmicos; que procurou apoio teórico em estudos de orientação comportamentalista e ensaiou a definição de princípios nela inspirados para fundamentar a explicação, no campo de seu discurso; que fez a perquirição arqueológica voltar-se mais decisivamente para os processos internos de estruturação e transformação das culturas, superando a inclinação, por muito tempo dominante nesse meio, a explicar todas as mudanças a partir da evocação de contactos interculturais; que inovou, enfim, em diversos aspectos, mesmo se não foi o big bang teórico, o Gênesis da arqueologia científica pintado por seus seguidores mais entusiásticos.

Além disso, é inegável que a N.A. provocou também muitos debates enriquecedores, com sua vigorosa exigência de construção de modelos generalizantes, sua cobrança de apuro no emprego de métodos explicitamente científicos, sua sistemática exploração da hipótese basilar da evolução cultural e sua constante afirmação do postulado de que a meta dos estudos arqueológicos é a explanação de processos culturais.

É preciso ainda reconhecer que essa escola muito fez para colocar na ordem do dia dos arqueólogos a preocupação epistemológica; e certamente reforçou-lhes o espírito crítico – o que não é pouca coisa... Isso talvez não absolva a N. A. do dogmatismo cientificista ingênuo de que é geralmente acusada, mas explica por que grandes arqueólogos clássicos reconheceram sua importância, o valor de seu contributo. É o caso de Snodgrass, por exemplo, que chegou a declarar, com toda a solenidade (1985: 34):

It is to the New Archaeology that we owe our growing self-awareness, our realization of the highly debatable nature of what we are doing when we make archaeological inferences...

Há verdade nisso... mas creio que a afirmativa de Snodgrass deve ser ponderada com alguma cautela. Nas décadas de 40 e 50, antes do surto da N. A., Eggers já advertia que os documentos arqueológicos podem muito bem enganar; e W. W.

Taylor (cit. *apud* Malina & Vasicek, 1975: 109-110) acusava a ingênua segurança do pressuposto comum a muitos estudiosos da disciplina de que “forms, classes and texts established today by the archaeologists are coextensive with any separable entities that existed in the minds or life ways of a bygone people”.¹² Daniel (cit. *apud* Malina & Vasicek, 1975: 111 ss.) levou esta inquietação crítica ainda mais longe – ao limite do ceticismo – ao afirmar que não há correspondência verificável entre a cultura material e os aspectos não materiais da cultura...

A verdade é que a N. A. reagiu a isso com todo o vigor de uma *Wissenschaftliche Glaube*.¹³

O ceticismo chegou a ser muito forte entre os chamados *contextualistas*; mas os *novos* o reprimiram de pronto, graças a uma profunda confiança nos recursos de formalização, nos procedimentos estatísticos, nos modelos de corte matemático sugeridos pela economia, nos métodos emprestados das ciências físicas e biológicas, nos princípios derivados da teoria geral dos sistemas, nos parâmetros da análise locacional, nos esquemas da antropologia neo-evolucionista. Vingou então, no seio da escola, a certeza de que é possível uma arqueologia plenamente científica.

Os famosos artigos-manifestos de Binford (1962; 1972) transpiram esta confiança, que se apoia na convicção da existência de marcadas regularidades nos processos culturais, e na certeza da possibilidade de verificá-las através da consideração dos testemunhos arqueológicos, estimados passíveis de análise sistemática.¹⁴ Presume Binford que a etnologia oferece um meio hábil de controle das inferências arqueológicas, re-

(12) O pioneirismo revolucionário de Taylor está sendo hoje cada vez mais reconhecido. Ver a propósito Deetz, 1988.

(13) Peço que se entenda esta expressão em sentido correlato ao da fórmula jasperiana que parafraseia.

(14) Binford, na sequência de Leslie White, concebe as culturas como meios extra-somáticos de adaptação; e afirma a correspondência entre os subsistemas que elas compreendem, a saber, o econômico-tecnológico, o da organização social, o da ideologia; ainda de acordo com o mesmo mestre, privilegia o primeiro... e vai além: os elementos materiais da cultura refletem a composição de todos os três subsistemas, apresentando aspectos técnicos, mas também ideológico e sócio-técnicos. O arqueólogo bem treinado, preparado como um etnólogo, pode fazer inferências que não se limitam ao plano da economia e da técnica, mas alcançam igualmente a dimensão da organização social e a das idéias...

alizadas segundo as normas do procedimento dedutivo, com a geração de hipóteses (referíveis a leis) e o teste das correlações que propõem.¹⁵

Ora, claro está que assim apenas se pode ter em mira as regularidades muito acusadas, insuspeitas de qualquer contágio do acidental...

De fato, nessa ótica, o que basicamente interessa perquirir são as relações profundas, de *feed-back*, entre o ecossistema e o aparelho técnico da cultura.¹⁶ Há que deixar de lado, portanto (como protestam os *novos* teóricos), a mera descrição de situações particulares, os sucessos impregnados de casualidade, a simples cronologia de eventos... Em última análise, o que importa para essa arqueologia é formular as leis da dinâmica cultural; mas o *background* a que remetem as explanações assim construídas corresponde de fato ao domínio da natureza. Radicaliza-se, então, o determinismo da doutrina whiteana...

A arqueologia nova toma por fundamento e modelo, na verdade, as ciências naturais; tanto que, na perspectiva ortodoxa dos próceres neo-evolucionistas da escola, conflitos de interesse de grupos integrantes das sociedades estudadas, por exemplo, não são decisivos, em termos de explicação da dinâmica cultural, pois estes conflitos radicam no próprio campo societário (e *interestes* reportam-se ao plano da ação consciente): há que ir mais fundo...¹⁷

(15) Trata-se, pois, de demonstrar a articulação constante de variáveis específicas num sistema. A correlação suposta entre a presença de determinado item de cultura material e uma dada conduta vai afirmar-se apenas caso esses traços se mostrem sempre associados no horizonte etnológico. Requer-se a aplicação de um esquema dedutivo onde variáveis que são arqueologicamente observáveis e outras que não o são vêm a ser identificadas e pesquisadas em um número significativo de situações etnográficas nas quais umas e outras se possam considerar. Apenas com base na avaliação assim feita da variação concomitante, pode-se apontar recorrências capazes de viabilizar o entendimento dos sistemas de uma cultura pré-histórica...

(16) Supõe-se que elas permitem fazer inferências sobre outras dimensões do fenômeno cultural.

(17) Considera-se, portanto, que a arqueologia de inspiração marxista ficar na superfície, que lhe falta ainda “verdadeira cientificidade”. Stephen Dyson (1993:199) lembra que complexas razões políticas e intelectuais inibiram a carreira teórica do marxismo nos Estados Unidos; creio que os mesmos fatores explicam uma certa ligeireza com que as teses marxistas são tratadas na sociologia, na antropologia e na arqueologia americanas. Entre nós, um antropólogo tentou,

Mesmo sem entrar nessa discussão, vê-se que o ponto de vista dos *novos* implica em subestima da história enquanto domínio suscetível de uma investigação teórica profunda. Aliás, em certos momentos, eles até parecem caracterizar a historiografia como uma... *anticiência*.

A razão fundamental disso já foi apontada aqui, mas vale a pena trazê-la de novo a debate: *os estudos históricos* – é o que se alega na referida escola – *acham-se irremediavelmente presos à particularidade*.

Vê-se nisto uma espécie de tara ...

Conforme lembra Snodgrass (1985: 35, meu grifo), para Binford

...particularizing approaches are in their nature “trivial” and “uninteresting”.

Snodgrass observa que termos como *interessante / desinteressante* podem quicá ser usados com um sentido objetivo, na matemática e na filosofia, mas Binford evidentemente os emprega em sentido comum, quando assim se manifesta (por sinal, onde ele usa “uninteresting” também aplica “boring”, para variar...).

Ajuntarei que há um quê de capricho autossuficiente nessa posição: dá-se por certo e indiscutível um verdadeiro ditame *a priori*, segundo o qual o que diz respeito apenas a uma sociedade, a uma só cultura, a um momento histórico, **não interessa** (*é particular, trivial, aborrecido...*).

Snodgrass (1985:35) vê bem aqui um problema grave para o diálogo da Clássica com a Nova Arqueologia:

...Yet many Classical Archaeologists pursue the particularized precisely because they personally do find it interesting; a conclusion about fifth century Athens, even if valid for no other society in history, nevertheless interests them very much.

Seu comentário é talvez demasiado elusivo:

All that this shows is that the mentality of late twentieth century man is still a very heterogeneous one.

de maneira original, combinar o neo-evolucionismo whiteano (já na perspectiva “multilinear” de Steward, Sahlins *et alii*) com a teoria marxista: Darci Ribeiro.

Sim, por certo... Mas não se pode deixar a coisa neste pé, quase como se fosse uma simples questão de gosto (epistemológico), o qual andaria muito variado no Ocidente deste fim de milênio.

Parece-me questionável a certeza apodítica com que os *new archaeologists*, sem mais aquela, dão por estabelecido o que é “interessante” ou pertinente num estudo cujo fim último, segundo sua própria colocação, é explicar o comportamento cultural humano.

Seu pressuposto bem pode ser questionado **do ponto de vista da teoria da evolução.**

Etólogos e antropólogos lembram que uma característica do *genus homo* muito acusada no curso da sapientização, a ponto de distinguir nossa espécie, vem a ser a grande variabilidade das condutas padronizadas observáveis em grupos (sociedades) diferentes em que a respectiva população se encontra repartida no ecúmeno. Todos estão de acordo em que isto tem a ver com a máxima preponderância, no caso antropiano, dos padrões assimilados por aprendizagem, isto é, com o imenso predomínio do aprendido sobre o geneticamente codificado, em termos de comportamento: dá-se que este segue não apenas o império de “leis” naturais, mas também, numa ampla escala, o regime de códigos, orientações valorativas, costumes etc. de alcance restrito (nas formas-padrão em que se documentam) a grupos, ou segmentos, que inclusive assim se distinguem. A própria vertente da evolução antropogênica, implicando numa regressão de condutas estereotipadas instintuais, no incremento da poliadaptação, no acentuar-se da cerebralização e juvenilização do *sapiens sapiens*, através de feedbacks propiciados pela combinação de neotenia e infância longa em meio a mudanças de habitat e regime alimentar (com a aquisição correlata de hábitos predatórios) etc., erigiu a base do aparelhamento mental da espécie através da configuração de estruturas inatas de organização cognitiva e prática “abertas”: de *disponibilidades* ou *competências*, como diz Morin (1975).¹⁸ Estes fatores tornaram a socialização não só um imperativo de sobrevivência para os humanos, como um requisito de sua formação no plano ontogenético

(pois apenas socializando-se o filho do homem desenvolve o potencial de sua humanidade); mas, ao mesmo tempo, fizeram os humanos receptivos a diferentes paradigmas, que refletem arranjos esquemáticos – modos de organização da experiência – variáveis de uma sociedade para outra; e os mesmos fatores os tornaram capazes de alterar esses esquemas, tanto quanto de produzi-los. Assim, para usar uma expressão de Lévi-Strauss (uma feliz paráfrase), a criança humana veio a ser um “social polimorfo”... graças a essas competências. O fenômeno tem grandes implicações, em vista da juvenilidade da espécie.

Cabe dizer, pois, que o comportamento cultural (o comportamento propriamente humano, segundo Leslie White, 1955) é por princípio variável. Para quem leva isto a sério, o que se deve focalizar no estudo da evolução do homem não é “a cultura”, mas “as culturas”, segundo já advertia Julian Steward.

Essa ampla “disponibilidade” etológica do *homo*, em particular do *sapiens sapiens*, teve o contributo de fatores diversos para a realização das variações cuja potência representa; mas sem dúvida tiveram um papel decisivo, quanto a isso, as condições da incessante diáspora humana,¹⁹ “diáspora” bem cedo iniciada e que levou a adaptar-se a meios distintos vários segmentos da população da espécie, no processo apartados uns dos outros e constituídos como grupos diferenciados.

Aí se acha também o fundamento da constituição historial do homem...

Em vista disso, mesmo num projeto antropológico mais interessado na análise das semelhanças entre os grupos humanos, nas regularidades verificáveis em sua evolução (considerando a unidade psicofísica fundamental da espécie e os condicionamentos básicos a que o ambiente a sujeita), desprezar as diferenças é uma atitude que nada tem de científica, embora se afirme tal.

Sobretudo, não é compatível com os protestos de interesse profundo pela análise sistemática da conduta humana o desprezo de uma característica antropiana básica, distintiva, que marca o comportamento *sapiens* de modo universal – e ninguém negará que assim merece qualificar-se essa plasticidade tão acusada por etólogos, antropólogos, psicólogos *et alii*, que nela identificam o fator

(18) Ele se vale do conceito de Chomsky, cujo alcance todavia estende: refere-se a competências “não só linguísticas... mas também operacionalmente lógicas, heurísticas e inventivas.”

(19) E da poligênese deste animal, para quem a admite.

responsável (para além dos apenas contingentes) pelo amplo leque *das histórias* do homem, pela configuração idiomática do universo das *práxeis* e das técnicas (recorde-se Bruneau), tanto quanto das línguas.

Portanto, é a própria teoria da evolução que leva a inferir a historicidade constitutiva do homem, a verificar que ele “se faz a si mesmo”, ao produzir socialmente os seus meios de subsistência, ao empenhar-se na reprodução social – conforme o ensinamento de Marx inspirador de um título célebre na bibliografia arqueológica.²⁰

De fato, parece haver algo de contraditório num evolucionismo, afirmado como teoria da cultura, que aborrece os estudos históricos...

Merece exame também uma outra alegação dos teóricos da N. A., que a apresentam como indiscutível: segundo esse anátema, o arqueólogo preocupado com o que caracteriza uma determinada cultura, com o que a distingue quando posta em relação com outras, e com registros de sucessos decisivos na peripécia de *uma* determinada sociedade, faz um trabalho menor, sem interesse antropológico.

No entanto, será que não haveria nada de estranho no fato de um estudioso da *evolução cultural* não dar importância, nesse contexto, ao problema da etnogênese, aos fatores e às implicações da diversidade das culturas? Por certo, não pensa muito nisso quem dá como digno de interesse apenas o que, num plano transcultural, se pode generalizar.

Seria espantoso, sem dúvida, ouvir de um etnólogo a confissão de um absoluto descaso para com os investimentos que um grupo pesquisado realiza em busca de demarcar-se, de construir e manter sua identidade...

Mas não corresponderá a um semelhante descaso fazer pouco da pesquisa de elementos característicos de uma determinada cultura, de uma sociedade determinada?

O problema é sério...

Segundo penso, o etnólogo da minha hipótese pareceria tão estranho, no mínimo, quanto um lingüista que, ansioso por teorizar sobre

(20) Pode-se considerar “superado” Gordon Childe, assim como o marxismo... mas no caso é preciso que se diga como esta tese de Marx foi ultrapassada; enquanto isto não se mostra, a simples rejeição nada vale: no campo teórico, não tem eficácia a denúncia vazia.

as estruturas profundas subjacentes a toda *Sprachebildung*, manifestasse um soberano desprezo pelo estudo de meros idiomas “particulares” e suas transformações ao longo do tempo...²¹

O preconceito de que venho tratando não grassou apenas no campo da *Nova Arqueologia*. Nas ciências sociais, uma orientação antihistórica prevaleceu em momentos decisivos, a tal ponto que essas disciplinas até parecem, em certa medida, ter-se afirmado contra Clio... buscando conquistar-lhe em campanha o terreno necessário para a construção de suas bases teóricas. Mas tal oposição não foi de todo gratuita... como se pode ver recuando um pouco.

No momento em que florescem sociologia e antropologia, reage-se ao historicismo, ataca-se a perspectiva acontecimental, denuncia-se a inépcia da idéia de uma progressão de eventos singulares e irrepetíveis a configurar a gesta de atores privilegiados no enredo da crônica humana; e se acusa também a miragem das *Geschichtesphilosophie* que prometem desvelar o sentido “universal” do drama humano, brindando, inclusive, a antevisão de seu desenlace...

Em tal reação, vai-se muito longe; ela agrava-se, quiçá, ao entrarem na maturidade as disciplinas em apreço, cheias do afã de abrir novos caminhos.

Assim é que, chegada sua hora (Reis, 1994: 123),

...os estruturalismos a históricos radicalizam: suprimem simplesmente o evento de suas considerações.

De fato, o conceito de estrutura veio a ser utilizado, muitas vezes, para superar o enquadramento dos fenômenos sociais, assim como de suas mudanças, no esquema “linear” do “tempo histórico”.²² Sua visada corresponde, nesse caso, a um

(21) Por isso, não creio que seja uma prova cabal de espírito científico e maturidade antropológica acusar de idiotia (nos sentidos grego e vernáculo) o arqueólogo clássico interessado em documentos relativos a fenômenos pertinentes, por exemplo, à Atena, do século V, tal como ela seria.

(22) Cf. Reis (1994:98): “consideramos que as ciências sociais, ao construírem o conceito de ‘estrutura’ e ao aplicarem-no à sociedade construíram uma noção nova de ‘tempo social’ – um tempo imanente, circular e uniforme, intrínseco aos eventos, estes submetidos a uma ordem superior, interna, que os envolve.

arranjo em que os eventos se submetem a uma disposição sincrônica, perdem idealmente o caráter singular e irrepitível, passam a corresponder-se como instâncias que remetem umas às outras. Assim é que a sagração da análise estrutural acaba, muitas vezes, por uma proscricção da História, mais ou menos seca.

Todavia, embora os estruturalistas “declarados” sejam, hoje, o alvo maior da crítica que denuncia o vezo ahistórico nas ciências sociais, pelo menos no domínio da antropologia outros há que vão (ou foram) ainda mais longe nesse rumo... como é o caso de alguns dos teóricos neoevolucionistas americanos, entre eles os *new archaeologists*²³: o recurso a modelos de tipo matemático para exprimir regularidades que devem reportar-se a leis genéricas, em seu programa, combina-se a uma explícita e definitiva rejeição da perspectiva dos estudos históricos (*memento Kluckhohn*), e a um completo desinteresse pelo campo do eventual (*memento Binford*). Comparada com esta posição, a atitude de Lévi-Strauss, por exemplo, mostra-se muito mais discreta: chega a ser comedida...²⁴

Hoje, deve creditar-se principalmente à *Nouvelle Histoire* uma revolução que dinamizou todas as disciplinas voltadas para o estudo das sociedades humanas. Se, de um lado, nesse movimento, os historiadores abriram sua prática teórica ao influxo das ciências sociais (incorporando a seu acervo, inclusive, a noção de estrutura e métodos de análise sócioantropológica), por outro lado realizaram uma crítica muito pertinente da pretensão de intemporalidade com que es-

sas *ciências* quiseram investir seu discurso, para fazer jus ao nome.

Houve, é certo, no contexto do dito movimento, uma mudança de foco dos estudos históricos, que abandonaram o velho roteiro acontecimental, a obsessão dos grandes momentos, a pura resenha dos fatos da “alta política”, a pesquisa biográfica “de galeria” dos notáveis *fazedores de história*, a crônica de efemérides e catástrofes etc., a fim de voltar-se, com o máximo empenho, para a dimensão do cotidiano, a ordem do cíclico, as continuidades e as mudanças lentas, os processos de longa duração... já sem o antigo desprezo (muito ao contrário, com um novo interesse) pela sondagem do comum, do repetitivo, do regular, do ordinário;²⁵ impôs-se um cuidado especial no levantamento das bases materiais da vida sócio-econômica, no estudo das condições de trabalho, dos mecanismos de sua exploração, do formar-se de suas rotinas etc; afirmou-se uma preocupação constante com o cenário geográfico, a inserção ecológica das formações sociais, a configuração dos ambientes; ganharam novo destaque as pesquisas demográficas; e desenvolveu-se ainda, ao mesmo tempo, uma atenção refinada para com o recorte ideológico das normas, dos hábitos e praxes. Essa atenção se apurou no estudo de mentalidades, do imaginário social, das representações e ritos coletivos, da formação de hábitos, modas, gostos, “estilos de vida”, sensibilidades etc., em contextos de época... O desenho de grandes cortes temporais tornou-se, logo, uma importante operação na abertura de caminhos de compreensão histórica.

Mas este aprofundamento das análises sincrônicas não retirou aos novos historiadores interesse pela diacronia, pelas “diferenças do hoje e do ontem”, como diz Ariès (1986: 231): eles acolheram o estudo quantitativo, o movimento numerado, sem abandonar a consideração da mudança qualitativa; e seu desvelo pela sondagem **dos tempos** históricos tornou-se com certeza **mais profundo** quando eles abandonam a utopia da história “global”.

Isto coloca questões que atingem a Antropologia... e afetam muito a chamada Arqueologia

(23) De resto, eles também foram muito influenciados pelo estrutural-funcionalismo antropológico.

(24) Sem dúvida, há algo de ambíguo na sua famosa declaração, feita na derradeira página de *Du Miel aux Cendres* (Lévi-Strauss, 1966: 408), de que “l’analyse structurale ne récuse pas l’histoire”: pois o posto de honra (la place de première plan) que à História então concede o mestre das *Mythologiques* parece corresponder pura e simplesmente ao trono do azar: é “celle que revient de droit à la contingence irréductible, sans laquelle on ne pourrait même pas concevoir la nécessité.” Em todo caso, a ciência antropológica pela qual juram os binfordianos, por exemplo, parece prometer aos estudos históricos um ostracismo muito mais completo. Já com o estruturalismo a historiografia moderna chegou a ter um entendimento fecundo, de que dão testemunho eloquente os números três e quatro dos *Annales*, de maio/agosto de 1971.

(25) Assim apurou-se, todavia, uma perspicácia maior para a detecção de rupturas encobertas, sob as capas da tradição idealizada, ou de consensos artificiais.

Nova. Mas antes de considerá-las, vale a pena tornar mais uma vez ao texto de Renfrew que me serviu de baliza inicial para o trajeto desta reflexão.

Renfrew empreendeu, na multicitada conferência, um sério esforço de análise da situação geral dos estudos arqueológicos. A oposição que ele faz aí entre a “Grande Tradição” e a “Nova Arqueologia”, desde o título, cria um belo efeito. Ele o explora de forma admirável. Todavia, há qualquer coisa de obscuro nisso. O contraste envolve o traçado de uma divisória cujo alcance valeria a pena perquirir.

Na verdade, Renfrew valoriza “the Great Tradition” de um modo insólito para a grei dos *new archaeologists*: estes sempre a identificaram como a arqueologia *ultrapassada*. Ao chamá-la de “tradicional”, entendiam dizer (por vezes o explicitaram) *velha, ingênua, pré-científica...* Aí está: Renfrew substitui por uma expressão demonstrativa de apreço esses qualificativos, mas consagra o recorte e não se detém a explicá-lo: distingue com nitidez os campos opostos, de uma forma que, em 1980, até poderia soar algo intempestiva, mesmo por que já então a *New Archaeology* não constituía um território unificado, um bloco sólido e coeso...²⁶

Assim, ele dá como ponto pacífico uma coisa que bem merece ser questionada: será mesmo correto dividir a terra da arqueologia por meio desse equador, “the great divide”?

(26) Bastará lembrar a ruidosa secessão de Flannery... Ainda no grupo binfordiano, segundo apontam Malina e Vasicek (1980: 125), vieram a divergir bem cedo um ramo de orientação lógico-positivista, um outro mais voltado para o enfoque ecológico e um terceiro que privilegiou a pesquisa de leis culturais. A “descendência” de Clarke também conheceu a divisão em grupos, destacando-se o da “spatial” e o da “social archaeology” (em que Renfrew ocupa uma posição eminente). Por outro lado, pode-se até dizer que a N. A. já nasceu algo dividida: a arqueologia “processual” ou “comportamental” dos binfordianos nunca chegou a conciliar-se inteiramente com a arqueologia analítica de Clarke, cujas ligações com a New Geography cambridgeana e com a teoria geral dos sistemas de Bertalanffy incomodaram os confrades americanos. Sabe-se das duras crítica com que Binford acolheu o *Analytical Archaeology* de D. L. Clarke. A aliança (nem sempre tranquila) entre o clã americano e o britânico da N. A. só veio a celebrar-se, de acordo com os autores de *Archaeology Yesterday and Today* (Malina & Vasicek, 1975: 125), em 1972, através da edição de *Models in Archaeology*, organizada por Clarke.

Primeiro, é preciso reconhecer que a partição corresponde a um dogma da *New Archaeology*. Como se sabe, os seus próceres e adeptos, sobretudo na América, proclamaram uma revolução científica que corresponderia a uma mudança radical de paradigma, a um corte epistemológico no seu campo de conhecimento. Entre outras coisas, inspirou-os a afirmá-lo um livro dado a público em 1962, o qual teve uma influência decisiva sobre a escola: *The Structure of Scientific Revolutions*. Para o entusiasmo de Binford e seguidores, a inspiração haurida aí teve cor profética: segundo eles logo concluíram, a *New Archaeology* viria a ser a uma revolução como às que Thomas S. Kuhn descreve...²⁷

Mas deve essa revolução, tal como a imaginaram eles, ser considerada, agora, um fato histórico irrecusável?

Cabe ainda uma outra dúvida: aceitar sem restrições a oposição marcada pela charneira do “great divide”, não implica em admitir que “do outro lado”, *extra muros* da Arqueologia Nova, “é tudo a mesma coisa”?

Renfrew não se pronuncia de forma clara sobre isto. Sua atitude é um tanto ambígua; mas de qualquer modo ele deixa implícito que sua resposta a essa pergunta seria negativa: o que chama de *The Great Tradition* de fato não corresponde *plenamente* ao universo da arqueologia tradicional, embora o integre. Por outro lado, muitos companheiros de Renfrew, tempos atrás, responderiam “sim” à mesma questão, sem hesitar um segundo... Pois inúmeras vezes caracterizaram o campo “tradicional” como o reino de uma rotina quase imutável, alheia a progressos, erma de novidades, pelo menos no que concerne a teoria e métodos.²⁸ Ao ver desses renovadores, pertenciam ao passado os contemporâneos que não descobriram a N. A. pois ela seria uma formação revolucionária, original, representativa do ingresso da disciplina no mundo científico.

Só que os historiadores da arqueologia não parecem dispostos a confirmar esta descrição...

(27) Ou seja, como as protagonizadas por Copérnico, Newton, Lavoiser, Einstein... Mas creio que, a considerá-la efetiva, esta se distinguiria das outras por ser programada...

(28) Aliás Paul Courbin (1982: 123) lembra que Renfrew, no seu *Explanation of Cultural Change*, afirmava isso mesmo: denunciava o acelerado envelhecimento de grande parte das teorias e métodos arqueológicos tradicionais.

Numa famosa resenha que a *Current Anthropology* publicou em 1977 e também foi incluída numa coletânea organizada por Schnapp alguns anos depois, Lev S. Klejn (1980) faz alguns esclarecimentos importantes sobre esse quadro histórico. Lembra que, num fértil período, entre as vésperas e o início dos anos sessenta, Graham Clark, por exemplo (como antes Gordon Childe, de outro modo), já proclamava a necessidade indispensável de recorrer à antropologia na busca de um referencial teórico apto a respaldar a pesquisa arqueológica, e punha em prática esta sua proposta de forma sugestiva; nota que ele caracterizava as culturas como sistemas adaptativos, chamando a atenção para os condicionantes ecológicos e a importância do estudo desse contexto. Na mesma altura, Pigott fazia amplo uso da noção de modelo, de cujo emprego na disciplina foi assim um dos iniciadores (tal como o citado Clark); e travava com os partidários do ceticismo arqueológico um debate que teria consequências muito sérias para todos os posteriores avanços teóricos no campo da sua disputa. Observa também Klejn que Malmer e Laplace, em obras menos conhecidas, enunciaram, na mesma altura, muitos dos que viriam a ser considerados princípios fundamentais do programa dos *novos*; e que os arqueólogos soviéticos, de forma independente, produziram, nos anos trinta, trabalhos teóricos onde se notam muitas coincidências com as posições da N. A.

Além disso, conforme lembra ainda o referido estudioso, os *new archaeologists* não estavam sozinhos na obra de renovação de sua disciplina, nos *sixties* (nem tampouco na década de setenta, na qual imperaram): foi igualmente revolucionário no papel da *settlement archaeology*,²⁹ que o es-

tudioso russo vê como um desdobramento importante da linha contextualista. Aliás esta, como lembra Klejn, teve um florescimento muito rico que antecedeu de pouco o da Arqueologia Nova, e prolongou-se em paralelo, tomando os seguidores das duas correntes rumos teóricos por certo distintos... mas próximos, em todo caso. Klejn (1980:273)

Il est curieux que ce soit à la veille de la rupture décisive marquée par la new archeology, que le courant "contextuel" ait connu une explosion de son activité théorique, avec les travaux de Chang, Trigger et Deetz, comme si cela l'avait incité à renouveler ses efforts et raffermir ses positions. La new archaeology empruntant de plus en plus aux idées fonctionnalistes en anthropologie, la plus jeune génération des contextualistes américains se tourna vers... le structuralisme...

Enfim, é preciso reconhecer que o da N.A. não foi um movimento sem precedentes, único, isolado e sem paralelo, surgido de pronto, de um parto jupiteriano (... de Binford, v. g.; mas também de Clarke... como agora toda a grei admite, *pace* Binford.).

Todavia, o próprio Klejn fala, a propósito, em uma "ruptura decisiva", que a *New Archaeology* efetivou.

Em que consistiu essa ruptura?

Os estudiosos do assunto mostram que as décadas anteriores à aparição da "arqueologia nova" viram suceder-se em diversas ondas (mas também sobrepor-se e combinar-se, ou tomar cursos paralelos) múltiplos esforços voltados para conferir à disciplina uma fundamentação teórica e uma base metodológica firme. Uma grande efervescência intelectual acompanhava então os ensaios de *aggiornamento* técnico, as incursões em campos científicos vizinhos, os esforços de clarificação dos processos empregados na pesquisa arqueológica, aguçando-se o espírito crítico num longo debate que era claro sinal de inconformismo com as limitações de uma prática impressionista. Não é possível fazer datar da aparição dos artigos de Binford, ou de Clarke, a preocupação dos arqueólogos com os problemas epistemológicos de sua disciplina.

Mas Klejn está certo. A N.A. consagra uma verdadeira ruptura... quando a proclama. O cam-

(29) Klejn dá 1967 como o ano do apogeu da *settlement archaeology*; já 1968 foi o ano da explosão decisiva e epidêmica da N. A., e da arqueologia teórica em geral, "o ano de Binclarke", segundo ele diz. Recorde-se que o artigo "querigmático" de Binford, "Archaeology as Anthropology", apareceu em 1962; em 1962, surgiu um trabalho igualmente inovador e pioneiro de Clarke sobre a análise matricial em arqueologia; sucedeu em 1965 o simpósio de Denver, organizado por Binford, sobre a organização social das sociedades pré-históricas, cujos resultados foram publicados em 1968, sob o título de *New Perspectives in Archaeology*. Nesse mesmo ano, veio a lume outra coletânea de ensaios do grupo de Binford, *Anthropological Archaeology in the Americas*; e deu-se a primeira edição do *Analytical Archaeology*, de Clarke.

po intelectual da arqueologia divide-se, então, face a uma campanha decidida, belicosa, organizada e sistemática, que tem como objeto a estruturação científica da arqueologia, com base em um verdadeiro programa.

A N.A. convoca e provoca, exige definições, cobra tomadas de posição, estabelece princípios, traça fronteiras. É um fenômeno de política científica digno do máximo interesse para uma sociologia dos intelectuais. A nova grei ataca de forma resoluta o ceticismo ameaçador, respirando certeza no seu projeto; e sua inquebrantável confiança na possibilidade de fazer da arqueologia “verdadeira ciência” leva a N. A. a identificar-se com a realização que promete: opor-se a ela soa como opor-se a seu desiderato... coisa que constrange os adversários e aumenta o poder institucional da escola. Esta promove, assim, sobre bases muito estratégicas, um deliberado confronto com “a tradição”. Aí está sua força... e também sua fraqueza.

É inegável que a Nova Arqueologia estabelece um marco, na medida em que compromete a prática da disciplina com a produção teórica no campo da antropologia, da teoria social; mas acaba limitando-a aí a um estreito âmbito doutrinário, de que deriva proposições tão genéricas quanto vagas. Sua ambição de erigir uma metodologia inquestionavelmente científica acaba também por cingi-la, em certos momentos, a um formalismo estéril.

Em suma, a N. A. de fato provoca uma ruptura, efetiva uma (de-)cisão no campo da prática intelectual em que se inscreve. Mas interpretar nos seus termos esse corte não tem cabimento. Seria admitir que ela representa a passagem, sem transições, da mera investigação empírica para o plano da ciência, ou da dispersão particularista para a certeza nomotética: em última análise, um trânsito do erro para a verdade, *à peu près*... num domínio em que todas as diferenças se resumiriam à oposição entre o novo paradigma e o antigo, “superado”.³⁰

(30) Os defensores contemporâneos do paradigma antigo foram quase descritos como cadáveres adiados, na retórica da escola. Paul Courbin (1980: 31-5) evoca impressionantes declarações dos *new archaeologists* a este respeito; evoca inclusive um texto em que James Fiting comentou de modo apocalíptico as tragédias pessoais que deveriam sofrer os “tradicionalistas”, incapazes de adaptar-se ao paradigma novo, forçados a assistir à derrocada de suas obras caducas, aptos tão somente a resenhar as novas, presos ao absurdo de uma posição insustentável, a qual, em todo caso, deveria ter fim com sua morte... Claro está que os exageros foram atenua-

Vale a pena recordar em termos breves a forma como essa clivagem foi pensada.

Os *new archaeologists* preconizaram a adoção do método hipotético-dedutivo como o procedimento chave para garantir a cientificidade da sua disciplina, segundo os princípios da teoria da explicação de Hempel: empenharam-se, pois, em formular, já no ponto de partida das pesquisas, generalizações passíveis de desdobrar-se em enunciados capazes de submetê-las a crítica, derivando-se através de um argumento de pertinência e exprimindo-se como predições a confirmar ou infirmar. De acordo com a receita hempeliana, assim se constrói um modelo explicativo que funciona como um jogo de hipóteses articuladas, as quais são submetidas a controle experimental através de simulação, ou pelo confronto de novos dados correlatos aos concernidos na afirmação inicial (na geração da hipótese primeira), mas derivados de outro contexto de pesquisa – e apreciados segundo critérios previamente definidos. Exige-se a validação, sem a qual as hipóteses caducam... Requer-se ainda que tais hipóteses sejam referidas a leis (culturais, no caso), visto como, nessa perspectiva, a enunciação de leis se estima um procedimento não só necessário como indispensável para a edificação de uma verdadeira teoria: descobri-las constitui o fim último da disciplina, que só então pode considerar-se científica...

A arqueologia, para fazer jus a esse título, tinha, pois, de fazer-se nomotética.

Os críticos sempre comentam que grande parte, talvez a maior... a produção dos *new archaeologists* cifra-se na definição desse programa; e contudo eles fizeram muito pouco no sentido de cumpri-lo. Num livro devastador, Paul Courbin (1980) dedicou-se de maneira quase obsessiva a demonstrar este ponto, através de uma tática muito simples, mas de terrível eficácia: alinhou citas de textos onde se acham enfáticas prescrições teórico-metodológicas desses autores, e confrontou-as com os trabalhos em que apresentam suas pesquisas. Mostrou, assim, que os *novos arqueólogos* muito pouco se empenharam na validação de suas hipóteses;³¹ que, ao fazê-lo, algu-

dos, com o passar do tempo; e essa atitude radical sofreu revisões mais ou menos explícitas.

(31) Courbin, 1980:45 “sauf exceptions très rares... les new archaeologists ne contrôlent pratiquement jamais leurs hypothèses”. Para a demonstração, ver aí pp. 44-61.

mas vezes procederam de forma adequada, mas frequentemente falharam... e, em todo caso, não foram mais longe nisso que os chamados “tradicionalistas”.³²

Quanto ao imperativo de enunciar leis, Courbin relaciona (veja-se o cap. III do seu livro) grandes protestos, declarações peremptórias dos próceres da escola (em cuja doutrina, todavia, a noção de “lei” científica sofreu variações significativas ao longo do tempo, segundo ele recorda); mas a seguir mostra que a formulação delas deixou a desejar, a rigor não aconteceu: as poucas que chegaram a ser enunciadas, em geral não puderam ser levadas a sério... antes divertiram o público científico pelo seu teor acaciano.³³

Paul Courbin, como vários outros críticos da N. A., fustiga ainda a lamentável pobreza de resultados que ela ostenta; e sublinha em especial o insucesso de algumas de suas incursões nas áreas onde se exerceu “the great tradition” (como diria Renfrew).³⁴ Comparando assim a “arqueologia nova” com a “tradicional”, ele conclui por um balanço muito desfavorável para a primeira...

O julgamento de Paul Courbin é severo. Sua avaliação mostra-se arrasadora por causa, sobretudo, do processo que ele empregou, julgando a N. A. segundo os critérios rigorosos e as ambiciosas metas por ela própria estabelecidas. É formidável ainda por que o mestre francês evocou, com muita verve, a fúria crítica dos *new archaeologists*, fazendo questão de lembrá-la a cada passo... O quadro um tanto apocalíptico em

que ele resume a descrição da discutida escola parece, entretanto, muito carregado nas cores: ao termo, ele faz contrastar com a vitalidade renovada da “tradicional” – daquela que os *novos* supunham a ponto de finar-se –, uma imagem desolada, toda frustração, da arqueologia “nova”, quase sepulta sob a ruína de suas fantasias sublimes.

Mas creio que não é muito justo encerrar assim a saga dos *new archaeologists*...³⁵

De qualquer modo, torna-se difícil resistir à impressão de que a *New Archaeology* envelheceu. Nestes tempos pós-modernos, suas “bulas” carregadas de dogmas positivos, de certezas absolutas, de fé e esperança na onipotência científica, parecem de uma ingenuidade tocante. Os antropólogos, que na sua imensa maioria andam muito pudicos em matéria de afirmações de rigor científico na sua disciplina, podem corar até a raiz dos cabelos vendo-a aí erigida em grande ciência, inabalável suporte da pesquisa arqueológica – e, para piorar, exemplarmente oposta à história...³⁶

Devem reconhecer, contudo, que a arqueologia **também do ponto de vista da exploração teórica**, tornou-se um território antropológico muito fecundo, um campo onde se planteiam problemas dos mais interessantes – o que em grande medida se deve aos *new archaeologists*.

A arqueologia confere profundidade aos estudos de cultura material, com as análises diacrônicas a que obriga; e muito ajuda a renovar a percepção da problemática da implantação das sociedades. É com ela que os antropólogos aprendem, ou podem aprender,³⁷ a empenhar-se na lei-

(32) Paul Courbin relaciona alguns exemplos de “validações tradicionais” às pp. 62-5; às pp. 65-70 discute “pseudo-validações” de hipóteses dos *new archaeologists*.

(33) Essa inanidade se verifica inclusive nas que se travestem com um mimo de fórmulas matemáticas, como Paul Courbin demonstra, analisando com um apuro implacável (e impagável) as “leis de Schiffer”; (1980: 83 ss.) Outras se resumiram em enunciados francamente alvares. Colin Renfrew (1980: 293) cita um testemunho de Kent Flannery: “From a Southwestern colleague I learnt last year [ou seja, no ano da graça de 1972] that ‘as population increases, the number of storage pits will go up’”. Outra “lei de Mickey Mouse” evocada por Flannery (cit. *apud* Courbin, 1980: 81): “as dimensões de um sítio bosquímano são diretamente proporcionais ao número das casas”.

(34) Paul Courbin (op. cit., p. 119) exemplifica comentando a “extrema pobreza” de resultados das escavações em Nichoria, Messênia, feitas segundo as regras da N.A. Criticou-se muito, também, o desempenho dos *new archaeologists* na Síria Palestina.

(35) Dou-me conta de que, no título deste artigo, anunciei uma reflexão sobre o estado da arqueologia clássica “depois da nova” – como se estivesse a reconhecer o fim desta. É tempo de advertir que não pressupus uma catástrofe. A de setenta foi, para a N. A., uma década imperial; já no fim do referido decênio, todavia, ela perdia espaço, atacada em muitos flancos, desafiada por poderosas concorrências. Mas não saiu de cena: em grande medida, foi a causa de surgirem, no palco onde estrelara, muitas outras novidades. Creio que só isto já basta para consagrá-la.

(36) Muitos antropólogos – os mais lúcidos, haverá quem diga – enxergam no reencontro com a história a maior esperança da sua disciplina.

(37) No Brasil, a formação em antropologia social, tanto na graduação como na pós-graduação, apresenta geralmente uma deficiência que não é pequena: a falta de um adequado ensino de fundamentos de arqueologia. As exceções não desmentem a regra. Muitas vezes (quando a oportunidade de algum modo

tura dos objetos construídos, dos espaços afeiçoados, dos “models for reality” ínsitos no equipamento técnico de uma cultura, dos construtos tangíveis da produção simbólica que veiculam representações sociais; é aí que podem exercer-se na análise de regimes de vida em sua articulação mais silenciosa. O estudioso de etnologia que passa à margem desse exercício, corre o risco de atear-se a uma percepção excessivamente logocêntrica dos processos de “construção social da realidade”. Por outro lado, nos dias de hoje, quem ignora os debates epistemológicos travados no âmbito da arqueologia, ou os problemas dessa ordem aí suscitados, pode perder contacto com questões da máxima importância **para a teoria antropológica** como um todo.

Quanto à *New Archaeology*, talvez o mais acertado seja considerá-la um momento significativo de um vasto processo de renovação dessa disciplina, iniciado antes do batismo de escola que Caldwell celebrou... e desenvolvido também através de outros, variados caminhos.

Por certo, renovação não quer dizer “estruturacão”: boas razões assistem a Paul Courbin quando este afirma que, a rigor, desde o século XIX a arqueologia já se achava edificada sobre bases sólidas, ainda hoje em grande medida conservadas (muito embora – acrescento eu – a construção se tenha ampliado e ganho novos alicerces).

De qualquer forma, o trabalho dos *new archaeologists* não deve ser minimizado. Teve efeitos muito positivos e duradouros. A tomada de contas à maneira de Courbin, ainda que feita em termos de “measure for measure”... e com um humor delicioso, tem qualquer coisa de equívoco. Pois se, em determinados aspectos, a N. A. envelheceu, noutros manteve e comunicou um grande vigor. Fala-se muito da rigidez canônica da “igreja” que a escola chegou a ser, em alguns momentos, no âmbito de certos grupos (como a tão falada “máfia de Binford). Mas a N. A. também teve magníficos hereges, a exemplo de Kent Flannery e Colin Renfrew. Isso é uma prova de vitalidade...

existe), se o aluno, o antropólogo-aprendiz, quer alcançar alguma preparação, tem de fazer pouco menos que um “desvio de rota”... como se arqueologia para antropólogos fosse uma extravagância, ou quase isso. As consequências desta limitação só podem ser muito negativas.

Já na presente década, Stephen L. Dyson (1993: 197) fez uma avaliação bem mais justa, equilibrada e positiva do movimento da N. A. Como ele diz ,

The New Archaeologists reinforced a bond between archeology, science and social science that will probably never be broken.

Foi, sem dúvida, um grande feito. A arqueologia clássica não ficou indiferente a isso...

É verdade que a N. A. não a fez descobrir a pólvora: Snodgrass (1987) mostrou, com belos exemplos, que os arqueólogos clássicos não raro sabem muito bem construir hipóteses e **enunciá-las de forma explícita**, valer-se de recursos interdisciplinares, realizar cálculos e medidas, proceder a análises quantitativas etc.: não é de hoje que o fazem, muito embora os *new archaeologists* tenham insistido em negar-lhes essas capacidades. Por outro lado, Ginouvès (1988: 123) mostrou que nem sempre a ausência de formalização, a falta de exposições teóricas e de uma explicitação da metodologia, são demonstrativos de incoerência, de falta de método, ou de incapacidade de problematizar, de gerar hipóteses etc. – deficiências acusadas como características dos “tradicionalistas”: lembra ele que Gardin demonstrou a “inconsistência lógica” da grande obra de G. Richter sobre os *Kouroi*... mas, retomando seus dados e trabalhando sobre eles com o máximo apuro formal e um rigor matemático, chegou... aos mesmos resultados. Conclui o estudioso da Universidade de Paris que o texto de Richter é só a ponta de um imenso iceberg de conhecimentos e raciocínios, muito bem conduzidos... num nível inconsciente.

Evoca Ginouvès também a extraordinária riqueza dos procedimentos intuitivos de Beazley, que o levaram a erigir uma obra sutil, complexa, da melhor arqueologia (no sentido mais rico do termo: ele era um verdadeiro “archéologue, et génial”, insiste o articulista...). Com efeito, sua obra dá testemunho de uma espantosa capacidade de sistematizar, distinguir, classificar, assim como de uma grande penetração. Ninguém negará a grandeza hermenêutica do trabalho de Beazley, embora suas interpretações sejam dificilmente verificáveis.

Mas no mesmo artigo Ginouvès assinala que a arqueologia clássica, com toda a sua fortuna, e mesmo por causa dela, vê-se agora compelida a reconhecer os avanços feitos no campo da N. A. Ou seja, a “Great Tradition” dos arqueólogos do mundo greco-romano deve fazer-se receptiva aos achados dos *novos*; pois ela não carece apenas de valer-se de múltiplas técnicas modernas de prospecção, datação etc.; precisa ainda de levar em conta dimensões de pesquisa que tradicionalmente desconsiderou...³⁸ Não pode já privar-se, tampouco, do recurso a critérios estatísticos, a métodos hábeis de definição de mostras (segundo a praxe encarecida pelos “novos”) no ineludível processo de seleção do material a analisar... assim como não lhe é dado agora descuidar-se de uma preparação sistemática dos documentos, pré-requisito da informatização... Mas sobretudo – conforme argumenta ainda Ginouvès –, os arqueólogos clássicos já têm de reconhecer a necessidade de traçar programas explícitos para as escavações, formulando hipóteses prévias, tanto quanto carecem de buscar uma planificação geral dos empreendimentos no seu campo, e de implementá-la através de amplos esquemas de cooperação. Não basta isso, porém: como pondera o mesmo sábio, o simples emprego de técnicas científicas (e de um planejamento racional, em termos da estratégia de trabalho) não dá à arqueologia, por si só, o estatuto de ciência; há que cuidar dos pontos essenciais, concernentes à **posição do problema** e à **interpretação dos resultados**.

A propósito, Ginouvès retoma a idéia de distinguir dois níveis de operação em seu campo de estudos: o *arqueográfico*, de descrição do objeto; e o propriamente *arqueológico*, de estudo discursivo do documento (já transposto numa representação simbólica: o documento deve ser, então, considerado primeiro em si; e depois, numa segunda etapa, em relação ao contexto de um sistema mais amplo de significações). O nível operacional “superior” assim identificado corresponde à **arqueologia dos sistemas culturais**. Ginouvès coloca em debate sua possibilidade: indaga se os arqueólogos efetivamente estão habilitados a lidar com isso... (1988: 120):

(38) Atentar, por exemplo, aos resíduos animais e vegetais que muito informam sobre regimes de vida...

Si maintenant nous passons au second niveau de l'archéologie, ce que j'ai appelé l'archéologie des systèmes culturels, - celui où le document, préalablement restitué, situé, daté, est utilisé dans une construction plus générale -, une question préalable se pose, ou, plus brutalement, nous est posée: les archéologues y ont ils leur place?

Ora, perguntá-lo equivale a indagar se a grande postulação da *new archaeology* deve considerar-se válida, afinal de contas... Ginouvès o dá como certo; e a seguir lança, de um modo algo retórico, uma outra interrogação:

l'archéologie classique ne sérail-elle pas intéressée aussi à déterminer non pas seulement des séquences d'événements, mais la nature et le fonctionnement des systèmes culturels dans lesquels ils se produisent?

Não é difícil imaginar a resposta que ele sugere, num artigo no qual, de início, propõe repensar as finalidades e métodos da arqueologia clássica; e onde, no mesmo parágrafo, assinala como o nível mais alto do estudo arqueológico o correspondente à abordagem dos sistemas culturais “*téchniques, économiques et sociaux, psychologiques, religieux et artistiques*”...

De certo modo, ele como que propõe a seus companheiros adotar, *à peu près*, o programa da N. A.: a tomá-lo ao pé da letra, deve-se crer que o foco de interesse da arqueologia clássica seria (tradicionalmente?) **determinar sequências de eventos**; mas importa que isso mude... no sentido preconizado pelos *new archaeologists*.

Em todo caso, Ginouvès parte do reconhecimento de que a arqueologia clássica tem tido, desde os anos cinquenta, um progresso marcado por grandes êxitos: no período, avançou de modo triunfal, contemplando a multiplicação de suas descobertas, a sofisticação de suas técnicas... Não foi exatamente o fracasso previsto pelos “novos” o que acabou por acontecer nesse campo “tradicional”... Mas agora, na posição a que a levaram seus próprios triunfos e as vicissitudes de uma situação cada vez mais complexa (em termos dos desafios colocados por circunstâncias econômico-políticas determinantes de macro-transformações nas áreas de pesquisa, a afetar a preservação de sítios, de depósitos, de áreas inexploradas

ou quase), num tempo marcado pelo fim dos *big digs*, numa etapa em que o acúmulo de tesouros documentais exige a construção de modelos que os tornem utilizáveis com maior proveito, os requisitos da análise e da interpretação se tornaram mais complexos, de modo que não se pode fugir a um profundo trabalho teórico, inclusive com apelo aos recursos das ciências sociais... Tal é, segundo me parece, o estado de coisas que Ginouvès leva em conta na formulação de sua proposta de uma nova caminhada na direção indicada pela *New Archaeology*.

Mas por certo não se trata de voltar ao arcano doutrinário de uma teoria da cultura impregnada de formalismo, prenhe de dogmas e obcecada por receitas metodológicas, pretensões científicas, generalidades vazias, esconjuros a-históricos, delírios nomotéticos. A antropologia, as ciências sociais, cresceram e avançaram para muito longe

desse campo estrito. Os arqueólogos embarcaram na mesma viagem, em que devem prosseguir.

O maior custo inicial que teve a inserção antropológica da arqueologia, agora pode ser compensado: refiro-me ao desapareço da história, que os arqueólogos da novíssima linha pós-processual se empenham em substituir por uma justa apreciação (haja vista sua recepção entusiástica das teses dos *Annales*), resgatando velha dívida de seus próximos predecessores. O diálogo envolve todas as ciências sociais, e vem se revelando imensamente rico.

Neste ponto, creio que cabe aos especialistas da área clássica um papel de destaque. Na escola francesa, por exemplo, eles avançaram muito no sentido de associar a uma sensibilidade aguçada para o histórico um novo enfoque, uma rica inspiração antropológica.³⁹

Creio que nesta convergência se abre o caminho mais promissor.

TRINDADE-SERRA O.J. Excavations in the theoretic field: archaeology, anthropology and history... or the Classical Archaeology after New Archaeology. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4: 3-20, 1994.

ABSTRACT. The aim of this paper is to discuss the role of New Archeology in the theoretical and methodological evolution of archeology, and particularly its contribution to the recent developments of classical archaeology. It considers also the situation of classical archaeology in the present days, when New Archaeology is critically revised and various post-modern approaches of archaeological questions are flourishing. In order to clarify the discussion, the paper focuses the interrelations between archaeology, anthropology, and history.

UNITERMS. New Archaeology – Classical Archaeology – Historiography – Epistemology.

(39)Veja-se o que diz Snodgrass (1985:34) sobre esta "Paris School". "Here is a group of people studying the Classical world through what may (very roughly) be called a structuralist approach: an approach in which the methods of Classical Archaeology, or some of them, are closely integrated with the anthropological tradition

of Louis Gernet and others, and applied to many different aspects of ancient society (...). If there is anywhere in the world where the material of classical archaeology is being put to novel uses, and a subject as a whole embroiled in wide intellectual explorations, it is here.

Referências bibliográficas

- ARIÈS, P.
(1986) *Le Temps de L'Histoire*. Seuil, Paris.
- BINFORD, L.R.
(1962) Archaeology as Anthropology. *American Anthropologist*, 28:217-225.
(1972) *An Archaeological Perspective*. New York.
- BINFORD, L.R.(Ed.)
(1977) *For Theory Building in Archaeology*. Academic Press, New York.
- BRUNEAU, P.
(1976) Quatre propos sur l'Archéologie Nouvelle. *Bulletin de Correspondance Hellénique*, 100:104-135.
- CLARKE, D.L.
(1968) *Analytical Archaeology*. Methuen, London.
- COURBIN, P.
(1980) *Qu'est-ce que l'Archéologie?* Payot, Paris.
- DEETZ, J.
(1988) History and Archaeological Theory: Walter Taylor Revisited. *American Anthropologist*, 53:13-22.
- DYSON, S.L.
(1981) "A Classical Archaeologist's Response to the "New Archaeology". *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, 242:7-13.
(1993) From New to New Age Archaeology: Archaeological Theory and Classical Archaeology a 1990s Perspective. *American Journal of Archaeology*, 96:195-206.
- GINOUVÈS, R.
(1988) Perspectives actuelles de l'Archéologie Classique. *Classica*, 1:111-126.
- KLEJN, L.S.
(1980) Panorama de l'Archéologie théorique. A. SCHNAPP (Ed.) *L'Archéologie Aujourd'hui*. Hachette, Paris.
- LÉVI-STRAUSS, C.
(1966) *Du miel aux cendres*. Plon, Paris.
- MALINA, J.; VASICEK, D.
(1975) *Archaeology Yesterday and Today*. Cambridge University Press, Cambridge.
- MORIN, E.
(1975) *O Enigma do Homem*. Zahar Editores, Rio de Janeiro.
- REIS, J.C.
(1994) *Tempo, História e Evasão*. Papirus Editora, Campinas.
- RENFREW, C.
(1980) The Great Tradition versus the Great Divide. *American Journal of Archaeology*, 84:287-98.
- SNODGRASS, A.M.
(1985) The New Archaeology and the Classical Archaeologist. *American Journal of Archaeology*, 89:31-37.
(1987) *An Archaeology of Greece. The present state and future scope of a discipline*. University of California Press, Berkeley and Los Angeles.
- WHITE, L. A.
(1955) *The Symbol: The Origin, and Basis of Human Behaviour*. E.A. Hoebbel, J.D.J. and E.R. Smith (Eds.) *Readings in Anthropology*. McGraw Hill Book Company, New York.

Recebido para publicação em 20 de dezembro de 1994.